



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS - CCHA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES - DLH  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

**MARIA DAIANE PEREIRA DA SILVA**

**LITERATURA SURDA E PRÁTICAS INCLUSIVAS: UM UNIVERSO DE  
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

**CATOLÉ DO ROCHA – PB  
2023**

MARIA DAIANE PEREIRA DA SILVA

**LITERATURA SURDA E PRÁTICAS INCLUSIVAS: UM UNIVERSO DE  
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

**Área de concentração:** Didático pedagógica.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

586l Silva, Maria Daiane Pereira da.  
Literatura surda e práticas inclusivas: um universo de possibilidades pedagógicas. [manuscrito] / Maria Daiane Pereira da Silva. - 2023.  
37 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Bianca Sonale Fonseca da Silva, Departamento de Letras e Humanidades - CCHA. "

1. Literatura surda. 2. Inclusão. 3. Cultura. 4. Identidade. 5. Libras. I. Título

21. ed. CDD 371.9

MARIA DAIANE PEREIRA DA SILVA

**LITERATURA SURDA E PRÁTICAS INCLUSIVAS: UM UNIVERSO DE  
POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades – CCHA/CAMPUS IV, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

**Área de concentração:** Didático pedagógica.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva.

**Aprovado em:** 27 de junho de 2023.

**BANCA EXAMINADORA**

*Bianca Sonale Fonseca da Silva*

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Bianca Sonale Fonseca da Silva (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida*

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Eianny Cecília de Abrantes Pontes e Almeida  
Examinadora – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Maria Karoliny Lima de Oliveira*

---

Prof<sup>ª</sup>. Ma. Maria Karoliny Lima de Oliveira  
Examinadora – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

## RESUMO

A literatura se constitui um direito universal de todas as pessoas, conforme defende Candido (2011); e com ela, podemos aprender sobre determinadas culturas e períodos. Diante disso, afirmamos que é possível pensar em uma literatura inclusiva, que contemple os sujeitos nos quais se encontram a margem da sociedade no aspecto de inclusão. Nesse sentido, partiremos de duas indagações básicas nesta pesquisa: existe uma literatura surda? Caso a resposta seja sim, como apresentar essa literatura na sala de aula? Nessa perspectiva, apresentaremos o desenho “Min e as mãozinhas” como possibilidade de prática inclusiva na sala de aula, e, para isso, o presente trabalho terá como objetivo geral perceber a potencialidade da literatura surda como meio de inclusão. Portanto, trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, que se baseia nos pressupostos teóricos de Candido (2011), Karnopp (2006), Morgado (2011), Spence (2021), dentre outros autores. A partir das análises que foram realizadas nesta pesquisa, observou-se que o texto literário é capaz de contribuir para a inclusão acontecer na sala de aula e no âmbito social, podendo atuar na formação cidadã do aluno e no seu pensamento crítico.

**Palavras-chave:** Literatura surda. Inclusão. Cultura. Identidade. Libras.

## ABSTRACT

Literature constitutes a universal right of all people, as defended by Candido (2011); and with it, we can learn about certain cultures and periods. In view of this, we affirm that it is possible to think of an inclusive literature, which contemplates subjects who are on the margins of society in terms of inclusion. In this sense, we will start from two basic questions in this research: is there a deaf literature? If the answer is yes, how to present this literature in the classroom? In this perspective, we will present the drawing "Min e as Mãozinhas" as a possibility of inclusive practice in the classroom, and, for this, the present work will have as general objective to perceive the potential of deaf literature as a means of inclusion. Therefore, this is qualitative bibliographical research, which is based on the theoretical assumptions of Candido (2011), Karnopp (2006), Morgado (2011), Spence (2021), among other authors. From the analyzes that were carried out in this research, it was observed that the literary text is capable of contributing to inclusion in the classroom and in the social sphere, being able to act in the student's citizenship formation and in their critical thinking.

**Keywords:** Deaf literature. Inclusion. Culture. Identity. Pounds.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> — Exemplo de história traduzida para a Libras .....	20
<b>Figura 2</b> — Exemplo de história adaptada para a literatura surda .....	22
<b>Figura 3</b> — Exemplo de criação da literatura surda .....	23
<b>Figura 4</b> — Episódio 1: Min e as mãozinhas .....	29
<b>Figura 5</b> — Episódio 2: Min e as mãozinhas .....	30
<b>Figura 6</b> — Episódio 3: Min e as mãozinhas .....	31
<b>Figura 7</b> — Episódio 4: Min e as mãozinhas .....	32
<b>Figura 8</b> — Episódio 4: Min e as mãozinhas .....	33

## LISTA DE SIGLAS

LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSF	Língua Gestual Francesa
PNE	Plano Nacional de Educação

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
<b>2 CONCEPÇÕES ACERCA DA LITERATURA E DO ENSINO: AMPLIANDO POSSIBILIDADES</b> .....	11
<b>2.1 Existe uma literatura surda?</b> .....	14
<b>2.2 Modalidades da literatura surda</b> .....	20
<b>2.3 Como a Libras é vista no Currículo Educacional?</b> .....	23
<b>3 LITERATURA SURDA NA SALA DE AULA: TECENDO POSSIBILIDADES</b> .....	28
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	35
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	36

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura faz parte do currículo escolar e se constitui um meio pelo qual os alunos podem conhecer novas culturas, além de poder despertar o gosto pela leitura. Os textos literários auxiliam no processo de inclusão, como é o caso da literatura surda, que permite aos estudantes ouvintes um contato com a cultura surda e com a língua dessa comunidade. Além disso, essa literatura pode incluir os discentes surdos no âmbito da sala de aula, permitindo que eles se sintam representados e tenham autonomia linguística para exercerem suas individualidades e possam se inserir na sociedade com opiniões críticas e reflexões sobre o contexto social.

Todavia, a sociedade ainda encontra desafios relacionados aos meios de inclusão, sendo um desses problemas a dificuldade de incluir alunos surdos no contexto educacional, mesmo que haja leis vigentes que asseguram esse direito. A instituição, os professores e demais profissionais da educação, não têm o domínio necessário para incluir esses estudantes, pois muitos ouvintes não conhecem a cultura da comunidade surda. Nessa perspectiva, surge a seguinte questão: o que a escola pode fazer para incluir os alunos surdos? É de suma importância que todos que fazem parte do contexto educacional, conheçam e possibilitem a disseminação da cultura surda, para que práticas inclusivas ocorram de maneira constante.

Sendo assim, podemos pensar em uma metodologia de ensino da literatura a partir de um viés pedagógico, contemplando a inclusão dos discentes surdos, pois o texto literário permite o contato do aluno com uma realidade diferente da sua, possibilitando que ele se desloque de sua própria realidade existencial, através da ficção, e por ela se sinta representado. Considerando esses aspectos, esta pesquisa se baseia nas seguintes indagações: Existe uma literatura surda? Como apresentar essa literatura na sala de aula?

Para responder as respectivas inquietações, o presente trabalho tem como objetivo geral: Perceber a potencialidade da literatura surda como meio de inclusão; e como objetivos específicos: Utilizar multiletramentos para expor a literatura surda na sala de aula e conhecer a cultura e a identidade surda.

Para tal fim, será elaborada como prática pedagógica uma proposta utilizando o desenho “Min e as mãozinhas” – uma produção da literatura surda – para os alunos conhecerem a cultura e a identidade surda, e, mediante esses dois aspectos, eles possam se sentir estimulados a respeitarem e a valorizarem a comunidade surda e

sua língua. Desse modo, a pesquisa lançou mão de uma abordagem qualitativa, com aporte teórico de Candido (2011), Karnopp (2006), Morgado (2011), Spence (2021), dentre outros autores que contribuíram para o direcionamento deste estudo.

A escolha desse tema partiu de algumas indagações que surgiram após um contato mais íntimo ligado ao currículo escolar. Desse modo, se existem diversos tipos de literatura e estas devem ser exploradas na escola, representando um determinado momento histórico na sociedade e uma cultura ouvinte, a exemplo dos clássicos legitimados pelo cânone, a literatura africana, indígena e contemporânea; resta-nos também indagar sobre a existência de uma literatura surda. Será que ela existe? Em caso afirmativo, como ela é apresentada na instituição de ensino? A partir dessas inquietações iniciais, tivemos o interesse de pesquisar sobre o tema e buscar algumas respostas.

A importância desta pesquisa se justifica pelas diferentes possibilidades que o currículo escolar apresenta a literatura, sendo esta, um meio para a disseminação de conhecimento e inclusão. Cabe ressaltar que muitos cursos de licenciatura não apresentam a literatura surda no currículo, e por consequência, os profissionais não têm o conhecimento que existe esse tipo de literatura. Almejamos, assim, com esta pesquisa, a divulgação da literatura surda e sua inclusão na sala de aula, para que os surdos se sintam representados e os ouvintes entendam, respeitem e valorizem essa cultura.

Esta pesquisa encontra-se dividida em três seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira parte está intitulada “Concepções acerca da literatura e do ensino: ampliando possibilidades”, a qual se propõe levantar uma discussão a respeito do ensino literário como forma de inclusão social, além de defender que a literatura é um direito de todos os sujeitos, pois está ligada à cultura e consequentemente possibilita a ampliação do conhecimento dos sujeitos acerca de novos povos e sobre si mesmos, visando a humanização do sujeito através do texto literário e despertando no leitor um senso crítico perante a sociedade.

Em seguida, apresentamos o seguinte subtópico: “Existe uma literatura surda?”, no qual são retratadas questões acerca das particularidades envolvendo a literatura surda. Logo após, no segundo subtópico, intitulado “Modalidades da literatura surda”, discorreremos sobre como é representado e visualizado o texto literário que compõem as narrativas surdas. No próximo subtópico, denominado “Como a

libras é vista no currículo educacional?”, discutimos como o ensino da Libras é regido pelos documentos oficiais de ensino.

Em seguida, na quarta seção, falamos sobre a análise dos dados, denominada “Literatura surda na sala de aula: tecendo possibilidades”, na qual abordamos a literatura surda como método pedagógico, de modo a incluir a cultura surda na sala de aula, possibilitando o direito de o aluno surdo ter representatividade e o acesso dos estudantes ouvintes a esse universo.

## **2 CONCEPÇÕES ACERCA DA LITERATURA E DO ENSINO: AMPLIANDO POSSIBILIDADES**

A literatura existe desde a mais tenra idade, com suas manifestações artísticas e culturais, porém o seu termo sofreu mudanças de significado ao longo dos séculos. Antigamente, por exemplo, só tinha acesso a literatura quem sabia ler, ou seja, seu acesso era restrito a burguesia, portanto, ela era relacionada a quem tinha o conhecimento de leitura.

Desse modo, o termo literatura não se relacionava às produções artísticas, mas ao ato de ler, que, nesse caso, correspondiam a todas as áreas do conhecimento. A partir do século XVIII, o termo literatura passa a se relacionar com o conceito de gosto, beleza estética, determinados por interesses de setores dominantes, o qual sofre mudanças e passa a explorar cada vez mais a criatividade e imaginação.

Em meados do século XIX, a literatura passa a ganhar algumas definições que vemos hoje; ela começa a receber um teor de valorização em detrimento da linguagem comum, a qual envolve textos literários imaginativos e reais. Já no século XX, ela passa a se estabelecer através do ato interpretativo, ou seja, a literatura tem como foco o leitor. Sendo assim, o conceito de literatura vai se adaptando de acordo com o tempo e espaço vivido pela sociedade, isto é, ela se configura como um processo social e histórico.

Para Candido (2011), a literatura é entendida como uma criação poética, presente em todas as sociedades e culturas, de forma ficcional ou dramática, pertencente a todos os homens e em todas as épocas, ou seja, algo intrínseco ao ser humano, pois ela tem um valor transformador na sociedade. Nessa conjuntura, a literatura, faz parte da construção identitária do ser, sendo capaz de despertar as mais diversas sensações no leitor e avivando nele um posicionamento crítico sobre diferentes questões.

Sendo assim, a literatura se faz presente em todas as sociedades, capaz de ser encontrada nas mais diversas manifestações artísticas e culturais; seja nos livros de histórias infantis, em novelas, músicas, expressões corporais e ainda em enunciações verbais. Isso significa dizer que podemos considerar literatura todas as formas de linguagens que têm como intuito a representação estética e cultural de uma determinada sociedade, em um momento histórico específico.

O modo como a literatura atua é subjetivo a cada leitor, ela desperta e possibilita emoções e interpretações diferentes em cada receptor, propiciando reflexões sobre a realidade através da ficção, recriando mundos a partir de diferentes temas; como temas culturais, de amor, ódio, amizades, denúncias sociais, entre outros. A literatura nos permite fazer inferências com outras temáticas, pois, mediante um determinado procedimento formal, pode haver ocorrência de intertextualidade.

Outras formas de percebermos as diversas possibilidades de leituras de um texto literário é a forte relação entre a literatura e as outras artes, como a pintura e o cinema, além da televisão e da música. Um texto literário serve de argumento para a criação de outros textos literários, dialogando entre si, bem como a criação de textos visuais ou musicais [...] (ZAPPONE; WIELEWICKI, 2009, p. 29).

Por meio da ligação entre a literatura e as diversas artes, decorre a abrangência de seu sentido, na medida em que cria novas possibilidades para expansão de sua percepção. Desse modo, o texto literário se torna plurissignificativo, criando no leitor diferentes concepções que estabelecem relações com as distintas formas de conhecimento.

Portanto, a literatura deve ser vista como uma maneira de apropriação que amplia e expande o conhecimento. De acordo com Candido (2011), a literatura é um grande fator de humanização, devido a sua capacidade de agir no subconsciente e consciente do ser humano.

Trata-se, portanto, de perceber e apropria-se da literatura como forma de expandir o sentido humanitário e disseminá-lo, a qual visa torna o sujeito crítico e reflexivo através das suas múltiplas interpretações e (re)contação de histórias que o texto literário oferece para a formação da personalidade de seus receptores, pois, quando temos contato com o universo literário, inferimos sobre determinado assunto e aprendemos sobre outros contextos.

Como a escola é uma instituição onde são compartilhados conhecimentos e valores, é necessário trazer para dentro da sala de aula a literatura. Convém ressaltar que está deve ser apresentada, de forma menos pragmática possível, valorizando mais a plurissignificação da linguagem, que é ao mesmo tempo, representativa e comunicativa. Dessa forma, é no contato com o texto literário que o sujeito amplia seu conhecimento de mundo e melhor compreende a si mesmo e aos outros, uma vez que

as diferentes manifestações presentes nos enredos criam novas possibilidades de perspectivas sobre a realidade.

Dessa forma, cabe ao professor incentivar e apresentar aos alunos os diversos tipos de literatura, para que, com isso, o discente consiga estabelecer relações entre os diferentes textos. Portanto, é necessário que a escola promova práticas de leitura, pois, segundo Candido (2011, p. 179) “As produções literárias, de todos os tipos e todos os níveis, satisfazem necessidades básicas do ser humano, sobretudo através dessa incorporação, que enriquece a nossa percepção e nossa visão do mundo”. Assim sendo, a literatura se constitui como uma necessidade básica do ser humano, pois ela permite a reflexão e amplia o conhecimento.

A literatura tem suas especificidades e funções, ela não é uma simples obra para o entretenimento; através dela, o sujeito consegue despertar suas emoções, questionar determinados assuntos e procurar respostas para eles. Nesse caso, é importante que o docente saiba guiar o processo de ensino e aprendizagem, apresentando a obra literária completa, para que com isso o aluno conheça com profundidade a função social que o texto traz.

Nesse sentido, é perceptível a relevância que a literatura tem para a sociedade e o seu papel de transformação na vida do sujeito. Para tanto, é necessário pensar em práticas pedagógicas que incluam a literatura como um todo, no aspecto que abrange a sua cultura, o contexto social e histórico que ela evoca, as suas manifestações linguísticas, visando contemplar todo o universo cultural e artístico que a obra apresenta, principalmente das minorias, pois:

[...] ela é uma necessidade universal imperiosa, e por que fruí-la é um direito das pessoas de qualquer sociedade, desde o índio que canta as suas proezas de caça ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético (CANDIDO, 2011, p. 179-180).

Consequentemente, a literatura é muito mais que um direito, é uma necessidade que deve ser correspondida a todas as pessoas. Sendo assim, é obrigação da escola disponibilizar obras literárias, entretanto, é importante que o aluno se sinta representado e inserido no contexto cultural por meio da literatura, para que seja despertado nele o sentido de humanização. Partindo dessa perspectiva, a literatura é muito mais que um instrumento de conscientização social, ela é um meio

pelo qual o sujeito pode se sentir inserido e valorizado, e, nesse sentindo, ela tem um grande teor de inclusão.

Nessa perspectiva, o professor deve abordar na sala de aula temáticas que contemplem a inclusão social no âmbito da literatura, visto que “Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável” (CANDIDO, 2011, p. 191). Sendo a escola um ambiente que se notabiliza pela formação cidadã, devendo garantir o direito educacional para todos, é preciso que esta aja de forma atuante em relação as abordagens de suas metodologias de ensino, promovendo atividades que envolvam a inclusão.

Para tanto, o professor deve apresentar para os alunos um universo pedagógico que envolva as práticas literárias como forma de incluir as múltiplas culturas, pois a diversidade é uma característica marcante da sociedade atual. Sendo a literatura um meio de proporcionar aos discentes o contato com temas atuais, de cunho social e de representação da realidade, a literatura, inevitavelmente, é uma maneira de contribuir para a formação social e intelectual de leitores, sendo também uma forma do sujeito compreender a si mesmo e ao outro.

Desse modo, a literatura se constitui como um mecanismo que pode contribuir com a inclusão na sala de aula, de modo que, através dela, os alunos podem ter contato e conhecimento sobre as diferentes linguagens e cultura, respeitando e compreendendo as diferenças presentes na nossa sociedade. Conforme evidencia Candido (2011), o acesso ao texto literário é um direito de todos, principalmente das minorias.

Nessa perspectiva, a literatura pode auxiliar na inclusão das minorias, - nesse caso, os surdos -, quando cria a possibilidade de os discentes ouvintes conhecerem sobre a identidade e cultura dessa comunidade, proporcionando uma compreensão acerca da língua de sinais e enfatizando o respeito com o próximo, com as suas crenças, peculiaridades, pontos de vista, além de garantir o direito à literatura aos sujeitos surdos, propiciando a eles meios de se sentirem representados e incluídos na sociedade; por isso, pode-se dizer que a principal função da literatura é a humanização.

## **2.1 Existe uma literatura surda?**

A história dos sujeitos surdos é caracterizada por um longo período de busca incessante por direitos; no entanto, a trajetória deste povo é marcada por sucessivas marcas de exclusão. Antigamente, eles eram tratados como pessoas inúteis e incapazes de aprenderem, no entanto, foi somente a partir do século XVI, na Europa, que ocorreu uma perspectiva de mudança sobre a educação dos surdos. A França é considerada a pioneira na educação para surdos, pois criou a primeira escola pública em língua gestual, a Língua Gestual Francesa – LSF –. Sendo assim, é provável que a origem da literatura surda tenha se dado na França, já que os surdos se reuniam nos internatos para compartilhar histórias.

Por não existir meios de gravações para a sua disseminação, a literatura surda ficava limitada a um pequeno grupo, no qual os mais velhos contavam, através da sinalização, a sua história cultural particular e passava para os mais novos; por isso, hoje se explica o fato de não haver muitos registros de histórias surdas.

Antes do século XX, a literatura surda se desenvolveu essencialmente em língua de sinais, uma trajetória que passou de geração em geração, sendo o surdo fonte de sua própria história e a cultura. Antes do advento da tecnologia que pudesse registrar em vídeo as histórias contadas pelos surdos, a literatura surda se desenvolveu pela tradição sinalizada (NICHOLS, 2016, p. 53).

A literatura sempre esteve presente entre os povos surdos, mas sua divulgação é um fator recente. Em 2002, foi reconhecida a Língua Brasileira de Sinais – Libras – como língua materna dos sujeitos surdos, de modo que, diante dessa conquista histórica e com o avanço das tecnologias e políticas educacionais, surgiram as primeiras histórias surdas em que todos os surdos e ouvintes poderiam ter acesso através da *internet*.

Com a chegada das mídias digitais, possibilitou aos surdos uma maior ampliação e expansão da sua cultura de suas literaturas para outras pessoas, tornando-as mais acessíveis, pois a maioria das crianças surdas nascem em lares ouvintes e estes não têm o domínio sobre a língua gestual. Sendo a literatura um meio de compartilhar conhecimentos e proporcionar empoderamento no sujeito, é importante que seja apresentado à criança desde cedo, de modo a garantir que ela tenha o contato com a sua língua materna.

As histórias possuem uma grande carga cultural. Contar histórias serve assim para transmitir uma herança e uma identidade culturais e uma língua ao longo

das gerações [...] A criança surda precisa de ambientes que envolvam a cultura surda, a identidade surda e a língua gestual, logo precisa de contato com adultos surdos diariamente e no máximo de horas (MORGADO, 2011, p. 33).

Diante disso, a literatura tem um poder transformador na vida da criança, pois traz valores culturais intrínsecos da cultura surda, possibilitando o contato com a língua materna e permitindo que o sujeito surdo possa se reconhecer como pertencente a uma comunidade. É necessário que a criança seja inserida nesse meio para assumir seu papel, tendo a capacidade de desenvolver as habilidades de comunicação visual gestual e reconhecendo que a literatura surda pode proporcionar algumas vivências de reconhecimento sobre o que é ser surdo e o que é fazer parte dessa cultura.

A literatura surda é um meio indispensável para a aquisição linguística, pois muitas crianças surdas, quando chegam a escola, não têm o contato diretamente com alguém fluente em Libras, fazendo com que elas tenham a língua gestual como segunda língua e permaneçam inseridas em uma cultura ouvinte. De acordo com Morgado (2011), a criança surda necessita obrigatoriamente de uma pessoa que seja fluente em Libras e que use esta como primeira língua, pois são esses adultos surdos que transmitem as histórias e os valores culturais da comunidade surda.

A língua gestual ou língua de sinais é um instrumento social de troca de experiências entre os surdos, pois possibilita o encontro de sujeitos pertencentes a uma mesma cultura e auxilia na construção do processo linguístico gestual. Desse modo, a literatura surda se faz presente nesses contextos de compartilhamento de vivências.

A palavra literatura surda, de acordo com Nichols (2016), remete a uma cultura, que marca a luta dos movimentos sociais dos surdos em busca da inclusão e da sua própria identidade perante a sociedade; ou seja, as manifestações da comunidade surda fazem parte de uma constante luta política, histórica e social, pela qual passou e ainda passa a comunidade surda em busca do reconhecimento dos seus direitos e da valorização de sua língua.

Os surdos são minoria no aspecto quantitativo da população, pois vivem em uma sociedade dominada por ouvintes, havendo, de acordo com Karnopp (2006), uma predominância de uma única forma linguística e cultural, o que acarreta escassez de materiais que tragam como temática a diversidade cultural e linguística. Nesse

contexto de materiais pedagógicos, é possível perceber que há textos que tem como temática ser diferente, mas falta a representação dos surdos.

As narrativas surdas podem ser encontradas em livros escritos em *signwriting*<sup>1</sup> ou em vídeos sinalizados, podendo ser traduzidas do português para a Libras, a exemplo dos textos clássicos de Machado de Assis, histórias infantis, entre outros. No entanto, é preciso ressaltar que esses respectivos textos representam uma cultura ouvinte, não tendo, portanto, a cultura surda como representante do contexto literário.

Os textos que não são traduzidos para a língua oral, ou seja, as narrativas que são de origem surdas, interpretadas por surdos na língua de sinais, representam a cultura surda e tem muito prestígio nessa comunidade, pois essa literatura valoriza o espaço comunicativo e mostra a perspectiva da cultura surda através da língua de sinais.

Nessa conjuntura, podemos definir a literatura surda como “produção de textos literários em sinais, que entende a surdez como presença de algo e não como falta, possibilitando outras representações de surdos, considerando-os como um grupo lingüístico e cultural diferente” (KARNOPP, 2006, p. 102). Desse modo, a língua gestual é vista como parte representativa do que é ser surdo, que, dialogada com os textos, por meio de estratégias de leitura e escrita, evidenciam as raízes culturais dessa comunidade.

A língua de sinas manifesta uma cultura surda e faz parte de um espaço de comunicação no campo gestual visual, através da visão e com o corpo o surdo é capaz de representar as suas vivências, comunicando-se e compartilhando suas experiências de forma que possibilite a partilha de narrativas com os outros e faça produções utilizando a língua como instrumento narrativo para histórias.

A literatura em Libras é uma oportunidade de brincar com a língua. Libras não é uma mera ‘linguagem’ que permite que os surdos tenham acesso à sociedade dos ouvintes e à língua portuguesa. Ela é uma língua completa e deve ser usada para todas as funções de uma língua, inclusive a lúdica (SUTTON-SPENCE, 2021, p. 27).

A Libras é considerada uma língua que se difere da linguagem oralizada e da escrita em português, pois ela tem sua estrutura própria e possui peculiaridades que

---

<sup>1</sup> É um sistema que permite ler e escrever qualquer língua de sinais sem a necessidade de tradução para uma língua oral. Ela expressa os movimentos, as formas das mãos, as marcas não-manuais e os pontos de articulação através de símbolos que são combinados para formar um sinal específico da língua de sinais.

possibilitam a comunicação entre as pessoas através da visualização dos sinais. Nessa perspectiva, é através dessa língua visual que os surdos se identificam e narram suas histórias, de modo que, por meio da Libras, é possível conhecer o universo surdo e suas literaturas, pois “podemos entender que a literatura visual se insere na cultura surda no contexto da língua de sinais” (NICHOLS, 2016, p. 55). Portanto, a literatura surda se faz presente através de uma língua visual que é uma maneira cultural dos surdos identificarem o mundo ao seu redor.

Torna-se importante reiterar que todos os povos têm a sua cultura, e, conseqüentemente, todos possuem uma literatura própria, a qual se relata sobre um determinado período e os costumes de uma população, que é composta por ouvintes e surdos.

Sendo a literatura brasileira composta por textos escritos tanto na língua portuguesa, como na língua de sinais, as vivências das pessoas surdas fazem parte da cultura brasileira, pois, assim como os ouvintes, os surdos compartilham de conhecimentos, lugares, comidas, tradições culturais, vida política, social, econômica, de modo que, suas narrativas em língua de sinais, também fazem parte da literatura brasileira. Em suma, os textos literários que são produzidos na Libras marcam a busca por um reconhecimento cultural e linguístico.

A literatura surda começa a se fazer presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca ‘um outro lugar e uma outra coisa’. A literatura do reconhecimento é de importância crucial para as minorias lingüísticas que desejam afirmar suas tradições culturais nativas e recuperar suas histórias reprimidas (KARNOPP, 2006, p. 100).

Sendo assim, a literatura surda faz parte de uma luta por reconhecimento, marcada por processos históricos, culturais e políticos, que tem como objetivo ser valorizada e respeitada. As narrativas surdas marcam parte de um contexto de exclusão social, por isso a importância de os movimentos surdos lutarem pelo reconhecimento de sua língua.

As narrativas apresentadas pelos surdos mostram a subjetividade em um contexto de identificação perante aquilo que é exposto, dando sentido as coisas através de sua língua. Portanto, as produções literárias são marcadas pela identidade do sujeito que as executa, expressando suas peculiaridades e cultura.

Entendemos, portanto, a literatura como um espaço de discursos que se dissipam, construindo representações sobre os mais diversos grupos sociais. Dessa forma, a literatura marginal ou de minorias (negros, pobres, indígenas, gays, surdos, entre outros) se configura como estratégia de autorrepresentação e pode ser compreendida como instrumento de lutas por reconhecimento social (NICHOLS, 2016, p. 56).

De acordo com o autor citado, a literatura se configura como uma prática de autorrepresentação da sociedade, ou seja, por meio dela é possível observar e entender como se configura o meio social. Através dos discursos produzidos, é possível notar elementos que fazem parte do contexto em que o narrador está inserido, principalmente se tratando das minorias, como é o caso dos sujeitos surdos.

Através das narrativas que fazem parte da literatura surda, a sociedade pode melhor compreender o universo cultural em que esses sujeitos estão inseridos e suas vivências, pois, muito além da literatura ser um instrumento de autorrepresentação, é um meio para conhecer e respeitar as diversidades existentes.

Desse modo, é importante apresentar a literatura surda no contexto educacional, para que os alunos tenham contato com as diferentes formas linguísticas, conheçam a cultura dos surdos e os respeitem, pois, de acordo com Sutton-Spence (2021, p. 29): “Através do estudo da literatura em Libras se pode entender progressivamente a cultura e a identidade surdas, a essência do ser surdo e, assim, melhor a Libras”. Dessa maneira, através da literatura surda, é possível conhecer a cultura em que o povo surdo está inserido.

A forma linguística com a qual os surdos se comunicam se dá por meio da língua de sinais, utilizando expressões faciais, movimento das mãos e do corpo para narrarem suas histórias, contos, piadas, dentre outros. A Libras faz parte da cultura surda e é uma forma visual de se comunicar, portanto, a língua dos surdos se dá na modalidade espacial-visual, não existindo literatura surda sem essa característica visual. É importante salientar, que para ser considerada literatura surda, ela precisa se enquadrar em alguns critérios.

A literatura surda pode ser encontrada em vídeos ou em livros que utilizam a escrita *sigwriting*, ou seja, pode ser sinalizada e escrita, recorrendo ao uso de muitas imagens visuais, mas para ser considerada uma narrativa surda é preciso que contemple alguns critérios. No entanto, não é necessário obedecer a todos, mas precisa se enquadrar em pelo menos um. Em seguida, exemplificaremos alguns desses critérios a partir de Spence (2021).

A denominada literatura feita por surdos, conforme foi evidenciada anteriormente, nasceu de conversas em grupos de surdos, que se reuniam para contar histórias, e, portanto, são enredos feitos por pessoas da comunidade surda. Essa literatura pode ser de origem surda e narrada por surdos, ou ainda criada por não surdos, mas sendo interpretada por pessoas surdas.

Por outro lado, há literatura destinada a população surda, cujo principal público da literatura surda é a sua comunidade, pois o emissor elabora o seu enredo pensando no interlocutor surdo, retratando sua experiência e cultura. No entanto, essa literatura também pode ser acessível para os ouvintes, pois é uma maneira deles conhecerem mais sobre os surdos. Nesse ínterim, existem também assuntos relacionados a vivência de ser surdo, que, nesse caso, o texto literário relata sobre a cultura surda, e a experiência dessa comunidade.

Ainda nessa perspectiva, o texto também pode ser narrado em Libras. Nesse caso, o foco do texto é a língua sinalizada, que faz parte da modalidade gestual-visual-espacial. Sendo assim, os textos literários de narrativas surdas podem ser divididos por modalidades, as quais veremos a seguir.

## **2.2 Modalidades da literatura surda**

A literatura surda, pode ser representada por três modalidades, as quais representam a maneira como o texto é visualizado. Ela é composta por narrativas (re)contadas por surdos na sua língua materna, como meio de expressão cultural, a qual promove o conhecimento dos textos literários dentro e fora das comunidades surdas, através dos processos de tradução, adaptação e criação.

No caso da tradução, esta se refere a textos da literatura estrangeira ou brasileira – não pertencente a comunidade surda – que são traduzidos da língua oral ou escrita para a Libras, cujo foco é apresentar textos de narrativas ouvintes aos surdos. Essas narrativas possibilitam aos surdos o conhecimento sobre diferentes culturas e o acesso a textos que fazem parte de um determinado tempo e espaço histórico da literatura.

**Figura 1** — Exemplo de história traduzida para a Libras



Fonte: Branca... (2013).

Na Figura 1, temos uma tradução da história “Branca de Neve”, traduzida para a Língua de Sinais Brasileira. É possível notar que na tradução prevalece o bilinguismo, pois ao mesmo tempo em que a história está sendo narrada em Libras apresenta-se a legenda em português.

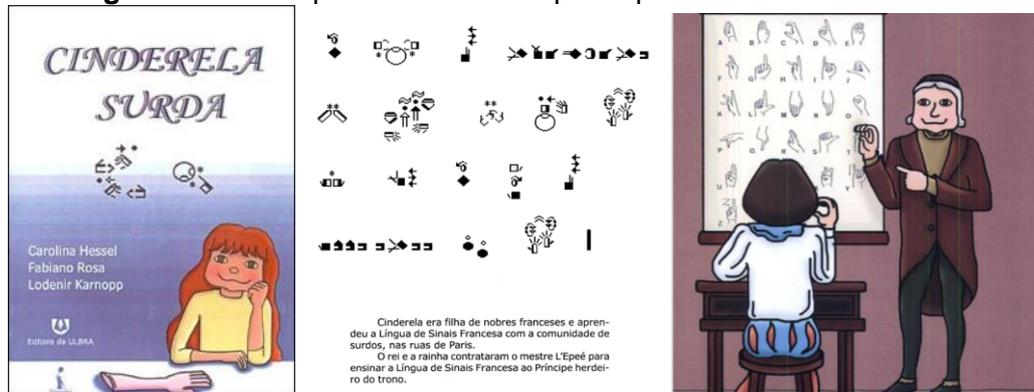
No âmbito dessa literatura direcionada ao sujeito surdo, também são encontrados textos traduzidos para a escrita da língua de sinais, porém essas narrativas são encontradas em menor escala, devido o registro visual ser uma forte característica da comunidade surda. Portanto, as traduções são textos prontos, os quais pertencem a uma cultura diferente da dos surdos e são traduzidos para a língua de sinais, seja na modalidade visual ou escrita.

No caso das adaptações, são narrativas já existentes, que sofrem mudanças para incluir algum elemento da cultura surda. “A adaptação pode ser exemplificada por meio de mudanças em relação aos personagens principais, que no contexto adaptado são diferentes, mas o enredo da história permanece próximo ao texto base” (HEMZELMANN, 2015, s.p). Desse modo, é feita uma releitura da obra original, adaptando-a para o público surdo, incluindo elementos da cultura surda e fazendo-se algumas alterações linguísticas, a fim de representar outros significados para a história.

Torna-se importante evidenciar, que os textos que passam por adaptações, recebem características que fazem parte culturalmente da comunidade surda, podendo ser modificada a estrutura linguística dos personagens, acrescentando

elementos pertencentes a cultura surda, ou ocorrendo mudanças no cenário. Vejamos a Figura 2 a seguir:

**Figura 2** — Exemplo de história adaptada para a literatura surda



**Fonte:** Silveira, Karnopp e Rosa (2011).

No exemplo 2 (Figura 2), mostra a adaptação da história original “Cinderela”. O enredo é adaptado e traz alguns elementos da comunidade surda, percebidos logo na mudança do título original, que passa a ser “Cinderela Surda”. No enredo, a personagem principal, que na história original ouvia, passa a ser surda e aprende a língua de sinais nas ruas, sendo uma característica dessa comunidade, pois os surdos aprendem a sua língua materna com os seus e muitas vezes de maneira informal.

As adaptações podem ser tanto em vídeos ou escrita na língua de sinais *signwriting*, como é o caso do exemplo 2 (Figura 2), a qual traz muitas imagens visuais, sendo um forte aspecto da cultura surda. Portanto, a adaptação de enredos para a literatura surda inclui características que envolvem a cultura surda, adaptando essas particularidades a textos literários já produzidos.

No que diz respeito a criação, trata-se de um texto literário produzido sem ser embasado por outra obra. É um processo em que o autor cria uma narrativa a partir das experiências surdas, transformando-as em uma linguagem acessível para os surdos, para que, a partir de elementos dessa comunidade, seja elaborado um enredo que traz autonomia e auxilia no processo de inclusão linguística e cultural.

**Figura 3** — Exemplo de criação da literatura surda



**Fonte:** Min... (2018).

Na Figura 3, temos um exemplo de criação da literatura surda, (o desenho áudio visual “Min e as mãozinhas<sup>2</sup>”). É possível perceber, no título, um elemento da cultura surda, representado pelas mãos, que constituem a parte do corpo que os surdos exercem a sua língua. A personagem principal da história é Min, uma menina surda, que ensina seus amigos os sinais em Libras e mostra um pouco da sua cultura. É um desenho feito todo na língua de sinais, de fácil compreensão, o que permite seu entendimento para surdos e ouvintes.

Cabe reiterar a necessidade de trazer narrativas surdas para o contexto escolar, a fim de mostrar uma cultura que por vezes é esquecida e desrespeitada, na tentativa de que a comunidade escolar possa compreender esse universo e os surdos tenham inclusão.

### **2.3 Como a Libras é vista no Currículo Educacional?**

A educação é um direito obrigatório e gratuito a todos cidadãos brasileiros, conforme estabelece a Constituição Federal de 1988. Além de ser um direito assegurado pelo Estado, é regulamentada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB – sob o Nº. 9.394/962, cujo documento rege a educação e dá as orientações para o ensino brasileiro.

No Brasil, a educação passou por grandes modificações para atender a todos os públicos. Em 1996, quando foi criada a LDB, se pensou em um ensino para todas as pessoas, criando-se um capítulo só com diretrizes para tratar da educação

---

<sup>2</sup> Disponível no youtube

especial. Trata-se do capítulo V, que traz no seu Art. 58 o conceito de educação especial, descrita como “a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” (BRASIL, 1996).

Dessa maneira, a educação ofertada para as pessoas com deficiência, não incluía necessariamente o ensino adequado para o surdo e suas peculiaridades, já que o surdo não se caracteriza como deficiente, mas como um sujeito que tem uma maneira diferente de experimentar o mundo, com sua cultura e identidade própria, diferente das dos ouvintes, e, nesse sentido, não havia um ensino e uma lei que fossem capazes de regulamentar a educação para esse público específico.

Como forma de incluir todos os povos, depois de um longo período de busca e luta por direitos, em 24/04/2002 é aprovado, no Senado Federal a Lei de Libras Nº. 10.436/2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais como meio legal de comunicação e expressão linguística da comunidade surda, regulamentada pelo decreto Nº 5.626, em 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005).

A partir da regulamentação da Lei da Libras, ela passa a ser uma disciplina obrigatória nos cursos de formação para o magistério e Fonoaudiologia. Posto isto, passa a se pensar em uma educação para os surdos, com uma lei específica que regulamenta o ensino e a formação de profissionais para atender a esse público, sendo a primeira vez que o termo formação bilingue na perspectiva do ensino da Libras e do português escrito para a comunidade surda aparece em um documento oficial.

Portanto, a Libras passa a ter o status de língua, ou seja, ela é reconhecida como o meio de comunicação das pessoas surdas, com uma gramática própria e sistema linguístico espacial-visual específico, que assegura o direito do surdo a uma educação bilingue, tendo a Libras como língua materna e o português escrito como segunda língua.

Atualmente, a Lei nº 13.005/2014, colocou em vigência o Plano Nacional de Educação – PNE –. Trata-se de um plano decenal, que estabelece metas, diretrizes e estratégias para o ensino, estando em vigor desde o ano de 2014 até 2024. O plano visa melhorar a educação do país em seus diversos níveis, etapas e modalidades, com base em 20 metas, que devem ser atingidas ao final da vigência do plano.

Com o PNE, a educação especial progrediu consideravelmente em busca de um ensino inclusivo, com metas específicas para esse público. A meta 1 do PNE estabeleceu a universalização da educação até 2016, trazendo como uma das estratégias:

priorizar o acesso à educação infantil e fomentar a oferta do atendimento educacional especializado complementar e suplementar aos (às) alunos (as) com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação, assegurando a educação bilíngue para crianças surdas e a transversalidade da educação especial nessa etapa da educação básica (BRASIL, 2014).

Desse modo, o plano nacional de educação determina o acesso à educação para todos os alunos da educação infantil, garantindo um atendimento especializado complementar e suplementar para estudantes deficientes, neuroatípicos, além de ofertar um ensino bilíngue para os surdos. Esse é um grande marco para a educação inclusiva, principalmente se tratando de alunos surdos, pois o PNE estabelece metas para toda a educação básica nacional, estipulando que até 2016 os discentes surdos tenham a Libras como primeira língua na sala de aula e o português escrito como segunda língua.

O PNE atual, destina a meta 4, aos alunos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades de 4 a 17 anos, garantindo o acesso à educação de qualidade e suporte com especialistas a esses alunos, de preferência na rede regular de ensino, em salas de recursos multifuncionais, a fim de assegurar a universalização do ensino.

Uma das estratégias estabelecidas para alcançar a meta 4 do Plano Nacional de Educação, é garantir aos alunos surdos e com deficiência auditiva, de 0 a 17 anos, o ensino bilíngue em Libras como primeira língua e a modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, assegurando o acesso a salas de aulas bilíngues e escolas inclusivas, com pesquisas destinadas ao desenvolvimento de metodologias inclusivas, materiais didáticos, recursos tecnológicos, para a ascensão do ensino e aprendizagem, garantindo a acessibilidade para os estudantes da educação especial.

A meta 5 do PNE estabelece “Alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º [terceiro] ano do ensino fundamental” (BRASIL, 2014), e tem como uma das medidas para atingir a meta, promover a alfabetização das pessoas com deficiência, levando em consideração suas peculiaridades, incluindo a educação bilíngue para os

estudantes surdos sem prazo para término, ou seja, é assegurado o direito a um ensino bilíngue para os surdos em todas as etapas da educação básica.

A educação evoluiu com as metas estabelecidas pelo PNE, com o cumprimento em 10 anos para a melhoria do ensino. A educação especial ganhou diretrizes e estratégias para a inclusão de alunos com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação e surdos, garantindo o acesso adequado a esse público, considerando suas especificidades.

Através da Lei 14.191/2021, é alterada a LDB, a qual insere a educação bilíngue para os surdos como uma modalidade da educação básica – antes era integrada como parte da educação especial – a qual garante o direito aos estudantes surdos a um ensino adequado e correspondente a suas peculiaridades linguísticas. De acordo com o art. 60-A:

Entende-se por educação bilíngue de surdos, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida em Língua Brasileira de Sinais (Libras), como primeira língua, e em português escrito, como segunda língua, em escolas bilíngues de surdos, classes bilíngues de surdos, escolas comuns ou em polos de educação bilíngue de surdos, para educandos surdos, surdo-cegos, com deficiência auditiva sinalizantes, surdos com altas habilidades ou superdotação ou com outras deficiências associadas, optantes pela modalidade de educação bilíngue de surdos (BRASIL, 2021).

Dessa forma, a LDB garante o ensino para as pessoas surdas através da modalidade da educação bilíngue, assegurando que esses sujeitos tenham o acesso ao ensino mediante a sua língua materna. Nessa perspectiva, assegura-se também que a sua cultura e identidade espaço visual sejam respeitados, desde os 0 anos, quando iniciado o acesso a língua materna na educação infantil, que se estende ao longo da vida desses alunos. No ato da matrícula em escolas regulares, a instituição deve oferecer apoio especializado, com oferta de materiais didáticos adequados e professores bilíngues capacitados às especificidades desse público.

Todavia, ainda vemos um despreparo tanto por parte da escola, como também pelos professores para atender a esse público específico. O docente regente da sala de aula não tem o domínio necessário e transfere a responsabilidade da transmissão do conteúdo para o especialista da sala de recursos multifuncionais. Dessa forma, no caso de alunos surdos, na maioria das vezes a comunicação para o ensino e aprendizagem se dá através do tradutor em Libras, pois o professor não tem o conhecimento para dialogar com esses discentes.

Diante disso, faz-se necessário pensar em práticas pedagógicas que incluam o sujeito e universo surdo na sala de aula. Assim, por meio de materiais didáticos, é possível apresentá-los aos estudantes ouvintes, para que eles compreendam a maneira linguística de comunicação através da língua de sinais, garantindo o que está disposto na lei sobre a inclusão, acerca das metodologias voltadas para o ensino dos surdos e o acesso aos recursos didáticos destinados à educação inclusiva.

### 3 LITERATURA SURDA NA SALA DE AULA: TECENDO POSSIBILIDADES

Para o desenvolvimento deste trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, que “[...] visa a abordar o mundo ‘lá fora’ [...] e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais ‘de dentro’ de diversas maneiras diferentes” (GIBBS, 2009, p. 8). Dessa forma, nesse tipo de pesquisa é ressaltada a busca pela interpretação e análise dos materiais estudados.

A pesquisa buscou dar enfoque para a literatura surda e seu possível desenvolvimento em sala de aula. Para tanto, foi feita uma contextualização sobre a literatura surda, assim como focalizou-se nas leis educacionais em torno da Libras. A partir destas questões o desenho “Min e as mãozinhas” foi analisado e sugerido para ser utilizado em sala de aula como promotor para o conhecimento da cultura, identidade surda e a desmistificação da Libras.

“Min e as mãozinhas” é o primeiro desenho produzido em âmbito nacional, integralmente em Libras. Yasmin, mais conhecida por Min, é a protagonista da história; ela é uma garotinha surda, que se comunica por meio da língua de sinais. O enredo gira em torno dela e seus amigos, o qual mostra a cultura surda através do dia a dia dos personagens. A proposta da sequência didática desenvolvida nesta pesquisa tem como objetivo conhecer a identidade e a cultura surda, a fim de que os estudantes ouvintes aprendam e entendam sobre essa temática e os alunos surdos tenham o direito a uma literatura sobre si e se sintam representados. Para a execução da proposta, pensamos na realização de cinco encontros semanais, os quais, em cada encontro, seriam exibidos em sala de aula episódios do desenho para o ensino fundamental II, de modo que, a partir de cada episódio visto do desenho, seria trabalhado uma temática envolvendo os sinais da Língua de Sinais Brasileira.

O primeiro momento será introdutório; o docente poderia explicar como ocorrerá os encontros, fazendo, em seguida, um levantamento sobre os conhecimentos prévios dos alunos a respeito do universo surdo, por meio de indagações; o que os discentes sabem sobre a cultura surda, se eles conhecem alguém surdo, se possuem algum conhecimento sobre a língua de sinais, se sabem o que é a Libras. A partir disso, o mediador poderia dialogar e fazer uma explanação sobre o assunto e desmistificar alguns conceitos sobre a língua de sinais, enfatizado que cada país tem a sua língua de sinais e que esta possui uma estrutura linguística própria, que pressupõem variações linguísticas de acordo com a localidade, idade e

grau de estudo de cada sujeito. Após isso, o docente fará um breve resumo sobre o que trata o desenho “Min e as mãozinhas”, que será objeto de estudo nas próximas aulas.

O professor sugere que cada encontro esteja relacionado a uma temática. O primeiro encontro será intitulado “Qual o seu nome em Libras?”. Para esse momento, é necessário que o professor imprima o alfabeto na Língua de Sinais Brasileira e cole no quadro ou na parede, para que os alunos visualizem os sinais e aprendam as letras.

Além disso, ainda no primeiro dia, é necessário que o mediador peça aos alunos que assistam ao desenho em casa, pois no próximo encontro começarão a fazer o desenvolvimento das sequências didáticas. Para isso, os discentes devem utilizar um caderno de anotações para destacarem as partes as quais chamaram mais atenção e anotarem suas impressões.

No encontro seguinte, o docente apresentará o primeiro episódio de “Min e as mãozinhas”, momento em que a protagonista ensina a seus amigos como é o nome de cada um na Língua de Sinais Brasileira.

**Figura 4** — Episódio 1: Min e as mãozinhas



**Fonte:** Min... (2018).

No desenho, os amigos de Min descobrem que ela é surda quando eles falam e percebem que ela não ouve; diante disso, ela os ensina como devem se comunicar. É importante deixar que os alunos deem a sua perspectiva e falem se conseguiram compreender o desenho; quais elementos fazem parte da cultura surda, se é diferente da cultura ouvinte, e se caso encontrasse alguém surdo, saberiam se comunicar? Diante disso, o professor poderia fazer um momento de reflexão sobre a importância que a língua exerce na nossa vida.

Logo após, o regente apresenta o alfabeto manual da Libras aos discentes, o qual é usado como um recurso de soletração, chamado de datilologia, cujo uso consiste em soletrar nomes próprios e palavras que não tem o sinal na Libras. É necessário ressaltar que a comunicação na língua de sinais não se dá pela soletração das palavras, pois cada palavra possui seu sinal, por isso a datilologia não substitui o sinal.

Após os alunos conhecerem o alfabeto da Libras, o professor pede para cada um fazer o seu nome na Língua de Sinais Brasileira, através da datilologia e explica que faz parte da cultura surda os nomes de pessoas serem expressos por um sinal, de modo que só um surdo pode dar esse sinal, pois se trata de uma característica da pessoa que o recebe.

Percebe-se que são várias temáticas que podem ser abordadas com o desenho para a execução da sequência didática, de modo que o episódio posterior vai consolidando o conhecimento do anterior. Dessa forma, tanto no episódio 1 (figura 4) como no episódio 2 (Figura 5) é mostrado as saudações em Libras, entretanto, as saudações serão estudadas mais detalhadamente no segundo dia, denominado “Conhecendo as saudações e os números”.

Na aula posterior, o mediador apresentará as saudações e os números em Libras aos alunos, para isso, será exibido o episódio 2 (Figura 5) e o 3 (Figura 6) do desenho “Min e as mãozinhas”.

**Figura 5 — Episódio 2: Min e as mãozinhas**



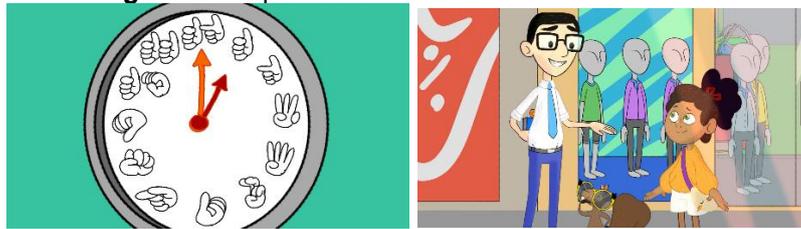
**Fonte:** Presente... (2019).

No episódio 2 (Figura 5), os alunos poderão compreender melhor os sinais das saudações. Desse modo, o professor pode começar a aula sinalizando, para observar se os alunos entendem os sinais correspondentes ao sinal apresentado: “bom dia”,

“oi”, “obrigado”, “de nada”, “boa noite”. Diante disso, o mediador vai ampliando o conhecimento dos estudantes em relação a língua de sinais e a sua cultura, pois trata-se de uma língua gestual visual.

Em seguida, o regente apresentará o episódio 3 (Figura 6), no qual aparecerá novos sinais. Nessa aula, o professor apresentará aos discentes o aplicativo Hand Talk, que é um aplicativo com intérprete 3D, o qual traduz textos e áudios para a Língua Brasileira de Sinais. Esse episódio faz uma intertextualidade com o Hugo, o intérprete do aplicativo, sendo importante que o mediador instigue para saber se os alunos conhecem esse aplicativo ou outro que faz tradução para a Libras.

**Figura 6** — Episódio 3: Min e as mãozinhas



**Fonte:** Presente... (2019).

Nessa aula, os alunos terão o primeiro contato com os números na Libras. Para que isso ocorra, o mediador deverá imprimi-los e colocar em um lugar de fácil visualização para os discentes. Ainda no que se refere ao desenho, aparecerá também o sinal de boa tarde, tornando-se necessário que o professor deixe que os alunos discutam tais sinais através do contexto do desenho. O sinal de boa tarde, por exemplo, aparece logo após o relógio marcar 1h, dando indícios que se trata do turno vespertino, pois Min e o esquilo estão na rua comprando um presente, quando se encontram com o personagem Hugo e se cumprimentam. Dessa maneira, torna-se importante atentar para as imagens visuais.

Diante disso, o professor poderá começar a trabalhar pequenas frases na língua de sinais com os alunos, pois já começa a se estabelecer um diálogo maior entre os personagens nesse momento. Para isso, o mediador pode fazer um círculo na sala de aula, pedindo que um aluno por vez faça um sinal que aprendeu para os outros adivinharem. Nesse momento, poderá ser utilizado também o aplicativo Hand Talk; o discente forneceria o seu aparelho eletrônico para a criação de frases com o auxílio do aplicativo.

Nesse sentido, os discentes poderiam criar uma conversa em Libras, fazendo uso dos sinais que aprenderam e utilizando o aplicativo que faz tradução do português para a língua de sinais. Ao final da aula, o professor pode dialogar com eles, indagando sobre quais diferenças tem entre o português e a Libras.

O quarto encontro será intitulado “Que cores são essas?”. Nessa aula, os estudantes aprenderão as cores com o auxílio do desenho. O mediador começará a aula formando duplas com os alunos, exibindo, em seguida, o quarto episódio de “Min e as mãozinhas”.

**Figura 7** — Episódio 4: Min e as mãozinhas



**Fonte:** Cores... (2020).

Nesse primeiro momento, após assistirem ao episódio (Figura 7), é importante que os alunos percebam as expressões faciais dos personagens, pois a língua de sinais não diz respeito só ao sinal, as expressões também são partes integrantes e indissociáveis da língua que correspondem à sua estrutura. As expressões faciais auxiliam na interpretação e no ato comunicativo, expressando o estado emocional que o indivíduo quer transmitir ao seu receptor. Portanto, as expressões faciais são denominadas expressões não manuais, que participam da construção do significado linguístico e fazem parte da cultura surda.

Após o professor explicar e ressaltar sobre a importância que as expressões faciais têm na língua de sinais, ele apresentará as cores e perguntará aos alunos se eles conseguiram entender o significado dos sinais através do contexto criado pelo desenho.



Fonte: Cores... (2020).

Nesse episódio (Figura 8), o esquilo derruba um balde de tinta branca na floresta e pede ajuda a Min para resolver esse problema. Ela chama seus amigos para ajudá-la a colorir, e a cada cor que ela vai mostrando, vai fazendo o sinal correspondente na Libras; vermelho, azul, verde, marrom e o amarelo. Os alunos podem perceber que alguns sinais correspondem a uma característica da palavra; por exemplo, o sinal vermelho é feito com o dedo indicador encostado na boca, o qual representa a cor do labio; o sinal verde é realizado com uma mão sinalizando a letra V, em movimento de vai e vem em cima do dorso da outra mão.

Nesse momento, o mediador pode explicar aos discentes que existem os sinais icônicos na Libras, sinais que de alguma maneira representam um significado correspondente a palavra sinalizada. Por outro lado há também os sinais arbitrários, que não têm relação entre seu significado e a representação visual, o que desmistifica o conceito entre mimica e a Libras, pois a Língua Brasileira de Sinais tem a sua estrutura linguística própria, com configuração de mão, movimento, locação, orientação e expressões não manuais, caracterizando a Libras como uma língua.

Ainda no que se refere aos encontros, o professor pede as duplas que façam um diálogo na Língua de Sinais Brasileira com os sinais que aprenderam, podendo utilizar o aplicativo Hand Talk para auxiliar nessa conversa. O último encontro seria realizado no pátio da escola, intitulado “Encontro entre culturas”. A sua realização poderia acontecer contando com a participação de uma pessoa surda e um intérprete (que poderia ser alguém da família que sabe a Libras). Nesse momento, poderia ser feito um piquenique com os alunos e os convidados, abrindo espaço para que os estudantes ouvintes pudessem dialogar com o surdo, utilizando os sinais que aprenderam no decorrer das aulas. Assim, os discentes poderiam conhecer melhor a

cultura e a identidade surda, possibilitando também, ao final do encontro, que o surdo dê um sinal a cada participante do encontro, correspondente ao seu nome na Libras.

Dessa maneira, destaca-se que nesta pesquisa apresentamos uma proposta didática pedagógica inclusiva através do universo literário, em que pode ser adaptada e trabalhadas outras temáticas. Com isso, é importante ressaltar, o poder transformador que a literatura tem na vida das pessoas, na medida em que, por meio desta, o sujeito pode conhecer novas culturas e outros períodos históricos, ampliando seu conhecimento de mundo e respeitando as diferenças.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa possibilitou reconhecer a importância da literatura surda em sala de aula, tanto para os alunos surdos terem direito a uma literatura representativa, como para os discentes ouvintes compreenderem e conhecerem a cultura surda, pois o texto literário tem um grande teor de humanização, e, com isso, possibilita um acolhimento as minorias.

Através disso, pode-se constatar que muitos não têm o conhecimento da existência de uma literatura surda e da cultura específica dessa comunidade, entretanto, o texto literário é um direito de todos os cidadãos e o ensino ao surdo na modalidade bilíngue é assegurado por lei, garantindo que todos os profissionais do magistério tenham o conhecimento da Libras.

Com isso, é importante que o professor fale sobre o universo surdo, a fim de promover a inclusão tanto na sala de aula como em sociedade. Desse modo, a sequência didática proposta traz a literatura surda e algumas práticas metodológicas inclusivas para a sala de aula, promovendo o acesso a algumas possibilidades pedagógicas.

Nesse sentido, o desenho “Min e as mãozinhas” é visto como uma literatura de caráter inclusivo, em que possibilita diversas abordagens na classe escolar, podendo ser trabalhado em todas as etapas da educação básica e adaptado de maneira metodológica de acordo com o nível de ensino.

Portanto, a partir de discussões levantadas neste trabalho, pode-se perceber a capacidade transformadora que o texto literário tem na vida das pessoas, capaz de contribuir para a formação cidadã e crítica do aluno, proporcionando conhecimentos sobre novas temáticas, incluindo aspectos relacionados ao que o leitor pensa sobre si mesmo, o que reforça a necessidade de o ensino da literatura ser enfatizado de uma forma que possa contemplar os aspectos sociais que nele refletem.

Diante disso, esperamos que esta pesquisa possa contribuir para o ensino da literatura surda em sala de aula, de maneira que vise auxiliar o professor em sua prática pedagógica inclusiva e possa atender os alunos surdos. Posto isto, este trabalho pode abranger diferentes modos de ensinar e se caracteriza também por trazer novas temáticas para futuras pesquisas, pois é possível ampliar a sequência didática fazendo intertextualidade com outros textos, além de ser possível de apresentar a continuidade do desenho “Min e as mãozinhas”.

## REFERÊNCIAS

- BRANCA de Neve em Libras. Produção: Colégio Rio Branco. [S. l.]: YouTube, 2013. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3nztijSc7vo>. Acesso em: 8 abr. 2023.
- BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF, 22 dez. 2005. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 29 abr. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 24 abr. 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/l10436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm). Acesso em: 29 abr. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 13.005/2014, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF, 25 jun. 2014. Disponível em: <https://pne.mec.gov.br/18-planos-subnacionais-de-educacao/543-plano-nacional-de-educacao-lei-n-13-005-2014>. Acesso em: 30 abr. 2023.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 1 maio 2003.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011. p. 171-193.
- CORES sumiram. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IFGtxNYiGAc>. Acesso em: 18 maio 2023.
- GIBBS, Graham. **Análise de dados qualitativos**. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- HEINZELMANN, Renata Ohlson. Para que serve a literatura surda?. *In*: GOMES, Anie Pereira Goularte; HEINZELMANN, Renata Ohlson (org.). **Cadernos conecta libras**. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2015. v. 1.
- KARNOPP, Lodenir Becker. Literatura surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 7, n. 2, p. 98-109, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/795/810>. Acesso em: 15 abr. 2023.
- MIN e as mãozinhas. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2018. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo&list=PL9WkXHEPVyMeyvYIHgLwshMc5\\_OWcDx2o](https://www.youtube.com/watch?v=zNCczm3jzgo&list=PL9WkXHEPVyMeyvYIHgLwshMc5_OWcDx2o). Acesso em: 10 abr. 2023.
- MORGADO, Marta. **Literatura das línguas gestuais**. Lisboa: Universidade Católica, 2011. v. 11.

NICHOLS, Guilherme. **Literatura Surda**: além da língua de sinais. 2016. 184 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2016. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5820962/mod\\_resource/content/1/Literatura%20Surda%20-%20al%C3%A9m%20da%20l%C3%ADngua%20de%20sinais%20%28Nichols%2C%202016%29.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5820962/mod_resource/content/1/Literatura%20Surda%20-%20al%C3%A9m%20da%20l%C3%ADngua%20de%20sinais%20%28Nichols%2C%202016%29.pdf). Acesso em: 20 abr. 2023.

PRESENTE Surpresa. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2019. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=3THhbtzyw\\_Y](https://www.youtube.com/watch?v=3THhbtzyw_Y). Acesso em: 15 maio 2023.

PRESENTE. Produção: Min e as mãozinhas. [S. l.]: YouTube, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Rgphn9dLAz4>. Acesso em: 12 maio 2023.

SILVEIRA, Carolina Hessel; KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. **Cinderela surda**. 3. ed. Canoas: ULBRA, 2011. Disponível em: <https://doceru.com/doc/xn1evee>. Acesso em: 9 abr. 2023.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2021. Disponível em: [http://files.literaturaemlibras.com/Literatura\\_em\\_Libras\\_Rachel\\_Sutton\\_Spence.pdf](http://files.literaturaemlibras.com/Literatura_em_Libras_Rachel_Sutton_Spence.pdf). Acesso em: 24 abr. 2023.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi; WIELEWICKI, Vera Helena Gomes. Afinal, o que é literatura?. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. rev. Maringá: Eduem, 2009. p. 19-30.